

A CARTILHA SARITA E SEUS AMIGUINHOS E O MÉTODO GLOBAL DE CONTOS

INDIARA GAIA DA SILVA¹;

ELIANE TERESINHA PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – indigsilva10@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa intitulado “Produção, Circulação e uso de cartilhas e livros didáticos produzidos por autoras gaúchas (1940-1980), financiado pelo CNPq (edital chamada universal MCTI/CNPQ Nº 14/2014) e é desenvolvido no grupo de pesquisas História da Alfabetização Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), do qual sou bolsista PIBIC-CNPq. O referido grupo é vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPel)¹ e tem procurado estabelecer uma política de recolha, tratamento e guarda de objetos da cultura escolar, constituindo, assim, importantes acervos para a pesquisa educacional. O grupo de pesquisa HISALES possui, atualmente, seis acervos: I) livros para o ensino inicial da leitura e da escrita; II) livros didáticos elaborados por autoras gaúchas entre os anos de 1940-1980; III) caderno de alunos (do período de 1930 até a atualidade); IV) cadernos de planejamento de professoras de professoras alfabetizadoras (dos anos de 1960 aos dias atuais); V) materiais didático pedagógicos diversos/ cultura material escolar; VI) materiais referentes ás escritas ordinárias (agendas, caderno de recordações, diários, cartas, etc).

A pesquisa que tenho desenvolvido como bolsista de iniciação científica no HISALES é acerca da cartilha *Sarita e seus amiguinhos*, de autoria de Cecy Cordeiro Thofehrn e Jandira Cardias Szechier e publicada pela Editora Brasil. O objetivo da investigação é compreender a produção, circulação e uso dessa cartilha nas escolas gaúchas situados no Rio Grande do Sul. Aqui, contudo, neste trabalho, o objetivo é apresentar o método empregado na cartilha *Sarita e seus amiguinhos*, qual seja: o método global de contos e fazer uma descrição da cartilha, o que corresponde à primeira fase da pesquisa qual estou inserida.

¹ Atualmente o grupo de pesquisa é coordenado pelas professoras Eliane Peres e Vânia Grim Thies (FaE/UFPel) e reúne pesquisadores da UFPel e de outras instituições de ensino da região sul, contando com a participação de pesquisadores, de alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e de graduação. Mais informações a respeito do HISALES, dos acervos, das ações, dos projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, podem ser vistas via internet, no site (<http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>) e no perfil na rede social Facebook (HISALES).

2. METODOLOGIA

A metodologia do estudo iniciou com a leitura de artigos e estudos acadêmicos sobre os diversos métodos de alfabetização: sintéticos e analíticos. Os sintéticos partem das menores unidades da língua para as maiores, sendo eles: A soletração, que segundo Frade (2007, p.2), é “a decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas”; fonético, explica Frade (2007, p.3) que “começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas”; a silabação, segundo Frade (2007, p.4), é o processo no a “principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba”. Os métodos analíticos partem do “todo” para as partes, sendo eles: A Palavração, que segundo Frade (2007, p. 6), “é aquele no qual as palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos aprendem a reconhecê-las pela visualização e pela configuração gráfica”; a sentenciação, segundo Frade (2007, p. 7), “a unidade é a sentença que, depois de reconhecida globalmente e compreendida é decomposta em palavras e, finalmente, em sílabas”; conto ou historieta que, ainda segundo Frade (2007, p.7), tem as seguintes etapas “parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e “lido” durante um período, para o reconhecimento de sentenças, seguida do reconhecimento de expressões (porções de sentido), de palavras e, finalmente, das sílabas”.

O procedimento de estudo foi fazer anotações em um caderno de registros. Após a compreensão dos diversos métodos, com ênfase ao método global de contos, a etapa seguinte foi o estudo detalhado da cartilha *Sarita e seus amiguinhos*, disponível no acervo do grupo de pesquisa HISALES². Compreendido o estudo do método empregado nessa cartilha –o global de contos- foi feita, então, sua descrição, apresentada a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O método global de contos no Brasil ficou conhecido especialmente devido ao trabalho e produção da professora mineira Lúcia Casasanta. Segundo Maciel (2001, p.9), a referida professora foi “defensora e propagadora, no estado de Minas Gerais, do método global de contos para alfabetização, do final da década de 20 até dos anos 70 do século XX”. Porém, no Rio Grande do Sul, diz Porto (2005, p. 41), que o método global de contos.

[...] alcançou seu ápice na década de 40, especialmente a partir da circulação do pré-livro *O livro de Lili* da autora Anita Fonseca, aluna de Lúcia Casasanta na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Contribui para a divulgação do método no RS, também, a produção de cartilhas de autoras gaúchas e/ou publicadas por editoras gaúchas”.

Ao que tudo indica, *O livro de Lili* foi referência para a produção da cartilha *Sarita e seus amiguinhos*, que é baseada no método global de contos. Segundo Porto (2005, p.24), o referido método “se baseia na ideia de que as unidades significativas da língua - palavras, sentenças e histórias - é que devem ser o ponto de partida”.

Ainda segundo Porto (2005, p. 24), embora seja um método analítico, ele foi assim denominado – global de contos - “por conceber a leitura como um ato global e ideo-visual, através da análise e decomposição do texto em sentenças, palavras e sílabas”.

O método global de contos tinha fases que deveriam ser seguidas pelas professoras. Na primeira e segunda fase diz Porto (2005, p. 27), - fase da historieta, que “a preocupação central do professor está em colocar o aluno em contato com a leitura e mostrar o interesse pelo ato de ler”. A fase da sentenciação explica que “é fazer o aluno reconhecer as sentenças como parte do conto”. Assim, como afirma Maciel (2001, p.126), seria necessário “preparar a criança para perceber unidades menores de sentido, ou seja, sentenças e levar a criança a perceber que as unidades sonoras formam o conto”. A terceira, quarta e quinta fase, segundo Porto (2005, p. 28), fase da porção de sentido “é o momento em que o professor deve conduzir o aluno, através de exercícios ao entendimento de que as palavras formam as sentenças”. A fase da palavrão, “tem como preocupação levar o aluno a identificar e reconhecer as palavras dentro do texto” (PORTO, 2005, p.28). Por fim, a fase da silabação que “deve ser levar o aluno a compreender que as sílabas formam as palavras”.

O exemplar da cartilha *Sarita e seus amiguinhos* que agora passo a descrever é de 1957 (26^a edição). Publicada pela Editora Brasil, faz parte da Coleção Didática do Brasil, integrada na série “Iracy” (no HISALES há outros exemplares desta coleção)². Com medidas de 16x22cm e 126 páginas, este exemplar contém a informação de que a cartilha consta na relação de livros indicados, para as escolas primárias, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (CPOE/SEC-RS), órgão responsável pelo controle, orientação e acompanhamento das escolas gaúchas, entre os anos de 1942 e 1970.

Tendo como personagem principal a menina Sarita, seus animais e sua família, a cartilha tem 12 lições (os contos, cada um deles em letra *script* e cursiva, além da página do conto dividido em sentenças), e cada uma delas com atividades suplementares, somando 71 atividades. Além disso, ao final da cartilha há uma listagem do vocabulário das palavras usadas nas lições, por ordem alfabética e quantas vezes elas aparecem no total da cartilha; na sequência também no final da cartilha, há uma página onde são listados os sons que compõem as palavras, revelando que o método poderia ir do conto (maior unidade linguística) até a menor unidade (som/fonema) e em sequência no final da cartilha ainda há as instruções para o uso da cartilha e as instruções de como usar as atividades complementares. É interessante observar que nas instruções de uso da cartilha as cinco fases do método estão indicadas (fase do conto, da sentença, da porção de sentido, da palavra e da sílaba).

Segundo as instruções para o uso da cartilha, as autoras recomendavam que a fase do conto fosse feita em dois dias, seguindo determinados passos. No primeiro dia de leitura elas recomendavam que deveria haver: “Apresentação do cartaz; apreciação ou leitura da gravura pelas crianças; leitura do conto por algum aluno; dramatização do conto e leitura do conto por algumas crianças” (CORDEIRO & SZECHIER, 1957, p. 120).

Já no segundo dia, as atividades poderiam ser: “Colorir a gravura da cartilha; ler novamente o conto, fazendo primeiro uma leitura silenciosa e depois oral e as crianças poderão copiar o conto em seus cadernos” (CORDEIRO & SZECHIER, 1957, p. 121). Na sequência, as outras fases deveriam ser desenvolvidas até se chegar na decomposição das palavras em sílabas, como indicado anteriormente na descrição das fases.

A cartilha contém, ainda, 93 gravuras no total. Desses, 72 são coloridas, sempre com contorno preto, sendo que várias são preenchidas

especialmente em tons de vermelho. Além disso, há gravuras para as crianças colorirem, 13 no total e Estas, segundo as autoras, deveriam ser coloridas “de acordo com o cartaz” (CORDEIRO & SZECHIER, 1957, p.124). A figura 01 mostra exemplo dessas ocorrências, e 8 com contorno preto nos exercícios. Essas gravuras eram disponibilizadas na seguinte forma: As maiores e coloridas eram disponibilizadas acima das historietas que eram escritas em letra de imprensa; as grandes e com contorno de preto eram disponibilizadas na página seguinte acima das historietas que eram escritas em letra cursiva. Havia também as gravuras menores que aparecem novamente, mas apenas com o traçado preto e vazadas a grande maioria eram coloridas. As imagens serviam para que as crianças fizessem uma assimilação entre a imagem e o exercício.



Fig. 01: À esquerda, imagem da capa da cartilha Sarita e seus amiguinhos (1957). Ao centro e à direita, imagens das páginas 7 e 8 da mesma publicação. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa HISALES.

4. CONCLUSÕES

A cartilha *Sarita e seus amiguinhos*, um grande sucesso editorial no Rio Grande do Sul, projetou as autoras, em especial Cecy Cordeiro Thofehrn, como importante autora de livro didático. Pfromm Netto, Rosamilha & Dib (1974, p. 165), ao referirem-se às cartilhas produzidas no Rio Grande do Sul, nos anos de 1945 a 1960, assim se expressam: [...] “no Rio Grande do Sul, surge *Sarita e seus amiguinhos*, de Cecy Cordeiro Thofehrn e Jandira Cardias Szechir (58 edições impressas até 1959)”. Isso também indica que a referida cartilha foi realmente uma tradição no estado, tanto na divulgação como na utilização do método global de contos nas escolas gaúchas.

Enfim, pode-se observar que *Sarita e seus amiguinhos* segue as fases do método global de contos, desde a apresentação das pequenas historietas, passando para a sentenciação, daí para as palavras, das palavras para as sílabas e das sílabas em novas palavras, de forma sucessiva até a criança ser considerada alfabetizada.

²Exemplares disponíveis no grupo HISALES: 1º: sem data, sem edição; 2º: 26º ed, 1957, 3: 54º ed, 1958, 4º: 109º ed, sem data.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORDEIRO, C. T. & SZECHIER, J.C. **Sarita e seus amiguinhos.** São Paulo: Editora do Brasil, 26^aed, 1957.
- FRADE, I. C. A. S. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais.** Portal de Periódicos Eletrônicos da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1 Jan, 2007. Especiais: acessado em 08 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/658/469>
- MACIEL, F. I. **Lucia Casasanta e o Método Global de Contos: uma contribuição á História da Alfabetização em Minas Gerais.** 2001, Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- PFROMM NETO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Cláudio Zaki. **O livro na Educação.** Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.
- PORTO, G. C. **Divulgação e utilização do Método Global de Contos no Instituto de Educação Assis Brasil (1940-1970).** 2005, Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

